

Transcrição entrevista André Martins – filósofo, psicanalista e professor da Faculdade de Medicina da UFRJ

*O que é ética no sentido original?*

Vou falar de uma perspectiva pela qual eu vejo a coisa, é claro. Em termos etimológicos, ética vem de *ethos*. Que diz respeito à vida comum. Tanto que gerou não só ética, mas a palavra etologia, no sentido de como os animais se formam, se desenvolvem. Enfim, o importante é que existe esse sentido de vida comum, independente da tradução exata do grego, porque aí teria que olhar certinho no dicionário.

Quando a cultura romana passou a se apropriar da cultura grega, as palavras gregas foram traduzidas para o latim. E a tradução da palavra ética passou a ser *morus*, que gerou moral. Então em um certo sentido, histórico, a palavra moral passou a ser sinônima ou quase sinônima de ética. Mas quando eu digo quase sinônimo ou sinônimo é a mesma coisa, afinal não existe palavra sinônima igual. Duas palavras sinônimas têm alguma nuance que as distingue senão não seriam duas e sim a mesma. Então, nesta tradução, o caráter latino e sobretudo, a partir dessa passagem do grego para o romano, o caráter cristão passou a dar uma conotação à palavra moral que ficou muito diferente da ética grega. Isso, pensando as palavras no tempo e colocando hoje em dois conceitos distintos. A palavra moral se caracterizou muito pelo caráter de conduta correta. Se pensarmos a tradução de moral e ética, existe uma interseção. Mas existem coisas que estão em uma que não estão na outra. Por exemplo, a moral está ligada a costumes. Dizemos sempre ‘a moral e os bons costumes’. Os bons costumes já estão dentro do significado da palavra moral. E na ética não. Enquanto a ética está mais ligada a essa vida em comum, a moral está ligada aos costumes.

É claro, a gente pode pensar que os costumes são dados pela sociedade, portanto por uma vida em comum. Mas a diferença que quero enxergar dentro da palavra moral, é que quando você pensa costumes, você pensa em algo que já está pronto quando você chega. Então a palavra moral passou a ter um caráter normativo, enquanto que a ética não. Então, por exemplo, um código de ética ou uma deontologia são muito mais morais do que éticos nesse sentido. Quando você pensa em um código de ética, o costume te precede, enquanto a ética tem um caráter mais imanente, de convívio. De se buscar algo no convívio. Algo em busca de um bom convívio. Algo a construir, com este fim.

Então, basicamente, a ênfase filosófica que se dá hoje à ética reflete a tentativa de se livrar de um paradigma onde existe uma verdade absoluta ou regras absolutas, verdadeiras ou transcendentais. Então quando a gente pensa no modelo das religiões, o caráter dogmático está muito marcado, no sentido que a história deu à palavra moral. Passou a se falar da ética para se contrapor a esse sentido transcendente e falar de um sentido mais imanente, com esse caráter de que o convívio comum estaria sendo pensado com respeito a uma singularidade, contrariamente ao que acontecia na moral em que a singularidade era obrigada a se submeter a um critério externo.

Essa seria hoje basicamente a diferença entre ética e moral. A ética acredita que a partir de um respeito da singularidade o convívio é melhor para todos, enquanto que, ao contrário, a moral apostaria numa oposição entre indivíduo e sociedade, onde o indivíduo teria que ceder alguma coisa da sua singularidade em prol de uma certa normalização dos costumes, das condutas.

*Como pensar uma ética profissional, diferenciada da moral ou de regras?*

Acho, pensando com uma inspiração em Spinoza, que toda formalização pode ser positiva. Até melhor do que uma não formalização. Agora, que fronteira seria essa de uma formalização que consegue de algum modo se manter ética para uma formalização que se transforma em normalização, moral? Essa formalização para se manter ética tem que ser um continente que tente colocar limites largos para que a ética possa existir não por esses limites, mas dentro desses limites. O que seria diferente que tentar legislar de uma forma total. Uma formalização ética não seria uma formalização da ética, mas que permita a ética.

*Entrevistando os psicólogos, vimos que respondendo à questão “para você o que é o comportamento ético?”, a maioria deles tinha as mesmas respostas. Você acha que a ética tem mais a ver com o fim do que com o método?*

A princípio eu pensaria as duas coisas, tanto o fim e o meio. Não só o objetivo, de jeito nenhum. Porque assim seria dizer que os fins justificam os meios e dentro dessa idéia de ética é exatamente o contrário. Em termos de um caminho e um fim, é o caminho que tem que ser ético. Fim nenhum justifica um caminho que não seja ético.

Numa psicoterapia, uma coisa básica – que pouco acontece na prática médica – o meio é um respeito à autonomia do paciente. E esse respeito quer dizer o quê? Que mesmo um paciente psicótico grave é um ser humano que deve ser respeitado enquanto tal e enquanto fonte de seus próprios apetites ou de seus próprios desejos. Então mesmo que ele não possa, em algum momento, responder totalmente até pelos seus próprios desejos, ele tem que ser respeitado enquanto tendo desejos. Então, o papel de alguém que está ali tratando daquela pessoa, mesmo comprometida em seu psiquismo ou na sua lucidez, cabe a ele não impor nada. Cabe a ele tentar interagir com o paciente de modo a que o próprio paciente possa organizar sua compreensão de seus próprios desejos.

Isso é um respeito à autonomia. Isso pode ser dito teoricamente. Por exemplo, quando uma interpretação verdadeira é dita pelo analista em um momento que não cabe, o paciente até pode aceitá-la, mas ela vai ser uma violência. Até o fato de ser verdadeira vai ser uma violência. É claro que uma interpretação falsa também é uma violência, até pela transferência do paciente. Freud diz em ‘Construções em psicanálise’ que uma interpretação falsa não vai ser reconhecida pelo paciente, é inócua; mas ela não é inócua, ela é uma violência. A menos que ela não seja posta como verdade, se ela for posta com um modo de apresentar aberto, de modo que fique aberto ao paciente, à sua interpretação. O que Winnicott mostra é muito mais do que isso. É que mesmo uma interpretação verdadeira, se não for posta com *holding*, ou seja, se não for posta de modo que o analisando possa se sentir criando, autor daquela interpretação, ela vai ser geradora de falso *self*, de um afeto ruim.

Então; acho que a ética no exercício não se esgota nisso, mas passa por aí. Lacan tem passagens horríveis nesse sentido. Ele diz que o psicótico não sabe o que diz, coisas horríveis. Eu consideraria isso anti-ético. É claro que ele não diz só isso, mas isso é horrível.

*Respondendo à mesma pergunta, os terapeutas chamaram atenção para o fato de que hoje a ética é um tanto mediada pelo mercado. Os próprios pacientes exigem um comportamento moral e não ético do terapeuta. Como trabalhar dentro dessa perspectiva?*

Em um certo sentido, isso é o que acontece sempre. Acho que cabe ao psicoterapeuta tomar essa demanda não entrando na demanda. Se o paciente chega com uma demanda de uma normalização, não cabe ao terapeuta negar essa demanda e nem tampouco corresponder a ela. Cabe sim acolher a demanda e transformá-la. Processá-la e devolver algo cujo link é aquela demanda, mas que toca outras questões. Não dentro de um debate teórico com o paciente, mas através da própria análise, tentar trazer uma perspectiva mais criativa, mais singularizada para o paciente. Mas isso é algo que acontece sempre. Falando da caricatura da coisa, se o paciente chega com uma demanda de paixão pelo analista, não faz sentido o analista responder no mesmo nível nem recusar aquela demanda. Ele tem que transformar aquilo em outra coisa. A última coisa que vai caber ao analista é dizer 'você está errado'. Mas vai caber a ele tentar ajudar o paciente a perceber e sentir com mais clareza o que está acontecendo e o que está sentindo, para que ele tenha mais elementos para sair daquele nó. Então, é verdade que existe uma demanda de algo concreto: 'o que eu faço?'. Cabe ao psicoterapeuta não dizer o que ele faz, mas também não dizer que não cabe fazer a pergunta. Cabe a ele dizer, 'vamos descobrir juntos'.